

FH diz que está empenhado em ajudar Estados

Integra do discurso do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, no encontro com os diretores da General Motors e com os governadores dos Estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul no Palácio do Planalto.

Presidente: ...contente em revê-lo, mais ainda, porque, realmente, eu acredito que, graças, aí, ao trabalho intenso do governador Brito, ajudado por todo o pessoal do Rio Grande do Sul, pelos empresários, pela área política, e a compreensão que a General Motors tem tido do papel dinamizador dos investimentos no Brasil, creio que nós vamos, aqui, nos preparando já para um salto grande nesta matéria de espraíar os surtos do progresso tecnológico e do desenvolvimento industrial.

'Eu queria aproveitar essa oportunidade para lhes dizer que o ministro Dornelles acabou de reportar algumas informações, que eu pediria ao ministro que repetisse aqui, porque acho que nós vivemos um momento particularmente importante da vida nacional e nós devemos vivê-lo afirmativamente. Eu fico, às vezes, um pouco até (...), não digo aborrecido, mas entristecido, quando vejo que brasileiros não percebem o que está acontecendo nesse País.

Eu, por razão da minha função, sou obrigado a viajar bastante. Lá fora, você, muitas vezes, tem uma perspectiva mais clara do que está acontecendo do que aqui mesmo. Quer dizer, o que está acontecendo em matéria de salto qualitativo na vida brasileira é uma coisa marcante. E eu acho que é importante que as lideranças brasileiras vivam esse momento com a plenitude da consciência histórica. Eu acho que não se trata, hoje, simplesmente, de produzir mais. Trata-se de produzir melhor e produzir, qualitativamente, de outro modo, fazendo uma reorganização do espaço produtivo brasileiro.

Muitas vezes — eu até entendo bem — as pessoas, em certas áreas, sofrem as consequências dessa reorganização. Mas não se pode perder a visão da floresta e fiarmos só na árvore. O que está acontecendo é que há, realmente, uma reorganização do espaço brasileiro. E, momentaneamente, alguns setores se sentem prejudicados, alguns setores do País também se sentem prejudicados. Mas, quando se olha o conjunto, vê-se que a dinâmica é muito positiva e produz uma sinergia, quer dizer, um leva a que o outro avance também.

Eu tenho obrigação, como presidente da República, de olhar para o Brasil no seu conjunto. Eu, por características atípicas da minha formação, nunca tive uma visão setorial partidariamente nem regionalista, porque o desafio do Brasil não é esse. Então, eu tenho a preocupação constante de ver como é que nós estamos conseguindo ou não, e até que ponto, fazer com que haja uma integração desse País.

Eu digo a vocês, com muita tranquilidade: esse anúncio que a General Motors vai fazer, daqui a pouco, aqui, é alguma coisa, para mim, muito significativa, porque eu acho que o Rio Grande precisava desse sinal. Precisava de um sinal afirmativo, para corresponder ao imenso esforço que o Rio Grande está fazendo de se modernizar, de se reintegrar ao conjunto do que está ocorrendo no Brasil.

Eu quero, realmente, não monopolizar as palavras, mas quero deixar, aqui, registrado que, desde que assumi a Presidência da República, o governador Brito tem sido incansável na luta pela defesa do Rio Grande e também na compreensão das dificuldades do governo central. Ele percebe que, quando não se faz é porque não se pode, não é que não se queira fazer. Mas, bem ou mal, nós conseguimos lutar um pólo petroquímico no Rio Grande do Sul. Agora, é um fato marcante, que é uma montadora no Rio Grande do Sul. Estamos atentos à questão do Porto do Rio Grande, à questão das estradas para o Rio Grande, à dívida do Rio Grande, porque nós resolvemos a questão da dívida do Rio Grande.

Quer dizer, nós estamos enfrentando os grandes problemas do Rio Grande do Sul. E vou ter a satisfação de poder repetir isso para quase todos os Estados do Brasil. Para quase todos os Estados do Brasil, porque nós temos feito, realmente, muito empenho. Não sei até que ponto se

tem consciência já de que nós estamos fazendo uma revolução na Amazônia, uma revolução em termos de energia elétrica, em termos de gás, em termos de portos. E já a safra do próximo ano, de Rondônia e de parte do Mato Grosso — está lá o ministro Odacyr Klein, que ajudou muito nisso — vai escoar por lá, por via fluvial pelo rio Madeira, pelo rio Amazonas, terminal graneleiro, lá em Itacoatiara. Os navios de alto calado irão até Itacoatiara.

E tudo isso é um trabalho silencioso, mas de reestruturação que tem impacto de longo prazo. Na questão da energia em geral, nós acertamos acordos de US\$ 3 bilhões para a construção de usinas energéticas pelo setor privado. Eu não me refiro a outras, inclusive algumas que vão beneficiar o Rio Grande do Sul. E isso, com uma grande incompreensão: é o Tribunal de Contas que manda parar, é ADIN em cima do tribunal, porque as pessoas têm visão curta do Brasil e vão para os tribunais para impedir que o processo avance. A verdade é essa. Com todas essas dificuldades, nós estamos fazendo. E isso vai mudar o Brasil. Eu não tenho dúvida.

O gás da Bolívia são 30 anos para poder (...) está em fase de construção. E, para chegar ao Rio Grande do Sul, é muita saliva, para poder chegar até lá, porque São Paulo quer parar em São Paulo. Chega no Paraná, querem parar em Paraná. Chega em Minas, querem parar em Minas. Cada um quer ter essa... E é natural que pensem assim. Mas, também, é obrigação de negociar de tal maneira que se tenha uma visão integrativa brasileira e, mais do que brasileira, do Mercosul. Do Mercosul, porque a preocupação que nós tínhamos é qual seria o efeito do Mercosul sobre certas áreas. Estamos vendo, agora, o que vai acontecer, vai haver progresso, como aconteceu na Europa também. Vai haver progresso e nós vamos ter que expandir esse Mercosul. Estamos integrando a América do Sul e vamos expandir na direção hemisférica também. Mas nós temos que fazer isso com uma visão construtiva, sabendo o momento e como fazê-lo.

De modo que eu queria transmitir o meu entusiasmo, que é real, meu entusiasmo pelo que está acontecendo no Brasil e, em especial, agora, esse fato aqui, no Rio Grande do Sul.

Antes mesmo de pedir que os nossos amigos da General Motors deem um recado direto, eu pediria ao ministro Dornelles que repetisse um pouco, aqui, os dados que me transmitiu, porque vale apenas contagiar pelo entusiasmo.

Ministro Francisco Dornelles:

Presidente: Eu queria acrescentar que o que disse o Ministro Dornelles mostra o grau de investimento e, portanto, de crescimento econômico. A ideia de que haveria recessão no Brasil é completamente ridícula. É o oposto.

Nos estamos apenas controlando o ritmo desse crescimento, para que ele não tenha efeitos que perturbem o controle da moeda, de tal maneira que nós possamos continuar dando melhor condição de vida à população. Porque isso é o fundamental para o bem-estar da população, a estabilização da moeda, a luta contra a inflação. Então, nós controlamos. Mas, de toda maneira, a força do investimento é muito grande.

E, também, aos críticos 'apressados, que olhem para a balança comercial. Daqui a pouco, os nossos companheiros da General Motors vão dizer qual é o compromisso de exportação.

É que, primeiro, se investe. E, quando se está investindo, tem que trazer máquinas, tem que importar. Mas, daqui a pouco, se vai exportar. Então, isso de reverte. E vai reverter, também, a balança comercial.

Essas análises feitas, assim... Outro dia, fiz uma comparação um pouco superficial, disse: 'Olha, não se pode governar o Brasil como se fosse *hoverscraft*. É aquele barco que atravessa o Canal da Mancha. Eu não sei se alguns de vocês já tomaram. Quando tem tempestade, é horrível, porque a onda sobe, a onda cai, a onda sobe, a onda cai.

Não dá para governar, no dia-a-dia: 'Esse dia, o câmbio fechou a quanto, de importação, de exportação, essa sema-

na?'. E ficar criando essa tensão, como se governar o Brasil foi andar de *hoverscraft*. Não. Nós temos que ter a visão de longo prazo, aqui tem que ter a visão de Estado, não tem que ter uma visão mesquinha, de 'picuinha'.

De repente, alguém faz uma interpretação apressada e todo mundo já fica nervoso. Eu ouço os discursos mais disparatados, que contribuem para uma visão equivocada do Brasil.

Nos estamos criando as bases para um Brasil sólido, que é isso que está sendo dito aqui: quarto maior consumidor de veículos, portanto, mercado interno crescendo e, portanto, bem-estar, porque se não não consegue. E o quinto maior produtor mundial. Em base em que? Em base em investimento e em trabalho construtivo.

Bom, eu não sei qual dos representantes da General Motors que fala.

Presidente da General Motors:

Governador Brito:

Presidente: Bom, parabéns a vocês todos. Muito obrigado.

Presidente: ...agradecer a presença dos senhores todos aqui, do senhor secretário, os senhores parlamentares, (...) o nosso representante da General Motors e os ministros que aqui estão.

Hoje é um dia de muita alegria para todos nós, especificamente para o presidente da República e o governo federal, pelo fato de que a General Motors (...) correspondendo à expectativa e à confiança que, no Brasil, se deposita nela, está anunciando investimentos importantes, uma continuidade de investimentos importantes.

E isso eu acho que é o fato que tem a ver com as transformações que nós estamos assistindo no Brasil. Há pouco, quando conversava com o pessoal do Rio Grande do Sul, eu afirmava, e quero repetir diante dos catarinenses, que nós estamos vivendo um momento histórico muito significativo no Brasil. Acho que esse momento tem que ser devidamente apreciado e compartilhado pelos brasileiros, para que nós não percamos a oportunidade de sentir o progresso que está havendo neste País, graças ao esforço de seu povo.

Eu não quero abusar do fato de que vocês me deixam falar demais, mas, todos os senhores sabem que eu fui ministro da Fazenda, há 3 anos. Naquela época, nós não conseguimos divisar qualquer horizonte para o Brasil. Era uma dificuldade imensa. Eu tinha saído do Ministério das Relações Exteriores onde, por dever de ofício, tinha que mostrar lá fora as possibilidades do Brasil. Ninguém acreditava. Porque a inflação perturbava, porque não havia um sistema político de sustentação, porque havia, ainda, no Congresso, uma certa indecisão sobre assuntos fundamentais.

E, em três anos, começando do governo Itamar Franco para cá, quando nós, realmente, tomamos as decisões cruciais, no sentido de que havia que controlar a inflação, e que precisava haver um diálogo claro com o País, que não dava para continuar num sistema de permanente "empurrar com a barriga", e que as coisas têm que ser ditas como elas são.

Existem um desafio, desafio colocado no mundo, que é o desafio que, hoje, houve uma transformação do (...) produtivo mundial, a economia está globalizada. Não adianta saber se acha que devia ser assim ou devia ser assado. Já é.

Existem um processo em marcha e, se me permitem até um pequeno fato, eu jantei, sexta-feira, com o ex-primeiro-ministro da Espanha, Felipe Gonzalez, que me disse exatamente isso, que ele fez o mesmo debate na Espanha, o mesmo debate que teve aqui.

Alguns não vão entender nunca que a realidade existe e que esta globalização abre uma série de oportunidades. Dependem de nós. Se nós ficarmos, como a avestruz, mantendo a cabeça na areia, e não percebendo o que acontece e não tomando as medidas necessárias para que nós possamos nos colocar nesse novo cenário mundial, nós perdemos a parada. Se, pelo contrário, nós tivermos o vigor, a coragem e a competência de fazer as coisas, nós podemos nos beneficiar como nunca.

Daqui a pouco, vou pedir, de novo, ao ministro Dornelles que nos dê alguns dados. Vocês verão as transformações que já estão ocorrendo, e o que significa isso, em termos de Brasil.

Eu só queria, como presidente, governador, dizer o seguinte: a minha preocupação tem que ser uma preocupação com todo o País. Eu nunca fui pessoa de divisão, nem setorial política, nem regionalista. Não me formei dessa maneira, me formei olhando para o País. E digo mais: hoje eu acho que tenho que ter uma preocupação que vai além do País, porque nós estamos integrados no Mercosul, nós temos compromissos de ordem universal, então nós temos que ter uma visão macro, realmente, planetária — se é que não é um pouco de exagero o que estou dizendo.

Então, eu sempre me preocupei, também, com a distribuição dos investimentos no Brasil. É fundamental, para que o Brasil cresça equilibradamente, que não haja uma concentração. E nós estamos fazendo um grande esforço nesse sentido.

O Programa do ministro Kandir, nosso, do governo, do Brasil em Ação, mostra isso. Nós já selecionamos 42 investimentos fundamentais, que não são apenas de indústria, infra-estrutura, agricultura, mas são também de educação, são também de saúde, saneamento básico, porque isso é fundamental, cuidar do capital humano, da melhoria das condições de vida. A distribuição desses investimentos mostra que existe, realmente, um projeto global.

Dá pena verificar tanta gente dizendo: "Nós precisamos ter um projeto nacional, estamos sem projeto nacional". O pior coisa é o que não quer ver. Nós temos um projeto global nacional, num País inserido no contexto internacional. Essa é que é a nossa visão, e que está em marcha. Não é que nós vamos fazer. Está em marcha.

Dentro desse projeto, certos setores industriais, que são os setores de ponta avançada, que implicam em tecnologia, em agregar valor, em ter mão-de-obra qualificada, e que se orientam também para a exportação, têm que ser priorizados. E me preocupava muito, e me preocupava muito, dinamizar Santa Catarina. Como me preocupa dinamizar outros Estados.

Acho que nós temos que fazer um grande esforço. Os senhores são testemunhas de que, na parte de infra-estrutura, nós estamos cumprindo o que eu disse que faria, que é a BR-101, fundamental para que Santa Catarina, realmente, fique inserida no processo do Mercosul e do Brasil.

Nós estamos dando alento aos empreendimentos de energia elétrica, porque também são fundamentais, que é a base de infra-estrutura, e dos portos, da privatização de portos. Quem não entende isso, não está entendendo a necessidade de redução do custo Brasil, que é condição necessária para que haja progresso econômico e social. Nós temos que tomar medidas para reduzir o custo Brasil, porque nós vivemos numa economia competitiva. Se nós não tivermos condições de competir, nós vamos ficar para trás. Mas nós não vamos ficar para trás.

Então, eu acho que hoje esse fato de que vai haver um investimento importante da General Motors em Santa Catarina, está dentro deste contexto, que só foi possibilitado porque o Brasil acordou. E, especificamente, porque Santa Catarina está fazendo a sua parte, está dinamizando o que é necessário para que nós possamos, realmente, ter um futuro promissor.

O que eu queria, ao cumprimentá-los, e deixar que os demais digam que tipo de investimento vamos ter, eu queria agradecer muito a presença de vocês aqui e felicitar o Estado. Porque essas coisas só acontecem quando o Estado avança. Se o Estado não estivesse avançando, a General Motors não teria tido condições de fazer uma escolha adequada.

Porque nós, aqui, não vivemos mais o tempo em que poder político vai lá e influencia. Isso é passado. O poder político pode fazer o que nós estamos fazendo: é criar as condições de infra-estrutura, de competição. Mas não é por aquela vontade do presidente que a General Motors vai para cá ou para lá. E eu me recusaria a tomar esse papel,

porque não é próprio para mim. A decisão tem que ser técnica, tem que ser racional. Nós é que temos que ter a visão política de criar as condições, para que possa haver, depois, uma decisão racional, que leve aos investimentos para o Estado tal ou qual. Essa é a visão que nós temos da administração do Brasil.

Então, eu queria felicitá-los, porque vocês fazem parte, também, desse processo de viabilização de empreendimento, de magnitude e vulto, em Santa Catarina.

E, também, não quero deixar de dar uma palavrinha, especialmente sobre Santa Catarina, que nós não estamos apenas olhando para o grande e para o macro. Nós estamos fazendo um grande esforço, na questão da micro e pequena empresa, como vocês estão vendo pelas medidas tomadas aqui, na área de redução de impostos.

E nós estamos colocando para diante um programa extremamente difícil, o Pronaf, que diz respeito ao financiamento da pequena agricultura e da pesca — lembrou o ministro, com toda razão. Quer dizer, também elaboramos em erro gravíssimo os mesmos que achavam que não ia haver desenvolvimento, que fomos entrar numa recessão, que o controle era de modo a prejudicar o povo e tal. Se enganaram redondamente, continuam se enganando ao pensar que nós estamos cuidando, apenas, do grande investimento. Ao contrário, nós estamos tomando medidas que dizem respeito à modificação da estrutura produtiva também do pequeno e do médio, no campo e na cidade.

Porque nós temos, também, a convicção de que esse mundo, que se globalizou, ele não é o mundo dos grandes, não. O grande só existirá se houver uma miríade de pequenos e médios, capazes de dar sustentação à transformação, e preparação de mão-de-obra e complementação de partes.

E, aqui, os que sabem um pouquinho de história de desenvolvimento econômico, sabem que houve uma época que existia o chamado putting system que significava, na fase da manufatura, quando se juntavam as partes e a produção era feita nas famílias, nos séculos 16, 17, mudando para o 18.

Nós, agora, estamos num novo tipo de putting system. A grande empresa subcontrata. E, ao subcontratar, ela chega até, muitas vezes, ao nível quase familiar. É uma forma moderna de putting system. Então, quem não perceber isso, não percebeu que é preciso que se espraíem, na sociedade, os condutos que levam à modernização, tanto financeira, recurso para o pequeno, treinamento de mão-de-obra, capacitação e integração, não entendem o sentido dessa nova era, que nós estamos começando a viver.

Nós estamos começando a viver uma nova era. Quem não entender isso perde a capacidade do sentimento da história. Quanta gente, quando houve a primeira fase do desenvolvimento industrial, no mundo, quebrava máquinas, porque achava que ia gerar desemprego. Alguns, agora, querem quebrar a máquina de outra maneira, de novo, porque acham que vai gerar desemprego. Não vai gerar desemprego.

O que gera desemprego é a falta de dinamismo, é a falta de capacidade de reduzir o custo Brasil. É a falta de capacidade de tomar as medidas necessárias. Aí, sim, gera desemprego. Não é o fato do Brasil ter de exportar.

E termino dizendo que, todo esse esforço nosso, que vai constituir um reforço para o mercado interno, no mundo de hoje, não pode ser pensado como se se possuísse a exportação. Quem lê os grandes números sabe que a taxa de crescimento do mercado internacional é mais rápida que a taxa de crescimento dos mercados domésticos.

O país que quiser crescer, hoje, tem que, ao mesmo tempo, preparar a sua empresa para crescer, consumir aqui dentro e exportar. O compromisso das montadoras para conosco é nessa dupla direção. Nós vamos aumentar o mercado interno, e vamos aumentar a nossa exportação.

Numa primeira fase, é importação de patios, importação de máquinas e etc. E, numa segunda fase, é o contrário: ge-

ra um fluxo de exportação. Claro que quem é micro, quem tem olho curto, só vê o momento, não vê o processo. Então, imagina que vai, digamos, trabalhar para todo o processo aquele momento. E aí é fácil fazer críticas superficiais, que vão, naturalmente, encher páginas de jornal, discurso de Congresso, etc. e etc., mas não vão encher o estômago do povo, não vão encher o espírito do povo, que é o que nos interessa.

Então, nós estamos trabalhando no Brasil com outra perspectiva, com outra visão. Muito confiantes neste País e, portanto, muito confiantes em Santa Catarina.

Muito obrigado a vocês. Eu peço ao ministro Dornelles que dê aqui o seu recadinho, porque acho que é bom para os brasileiros saberem o que está acontecendo. Depois, pediria à General Motors que (...) e ao governador, para encerrar. Vamos inverter, aqui, a ordem, não é?

Ministro Francisco Dornelles:

Presidente: Antes de pedir que o Dr. Beer fale pela General Motors que foi escolhido para falar, eu só queria complementar uma informação que o ministro Dornelles me deu, há pouco, e não repetiu aqui, que é a seguinte: por volta do fim do ano 2001, o Brasil deve ser o quarto maior mercado consumidor de veículos do mundo, no ano 2000. O quarto maior no mundo e o quinto maior produtor de veículos no mundo. Isso é um dado direto, significativo, porque mostra, realmente, as transformações pelas quais nós estamos passando. E nós haveremos de vê-las de uma maneira muito afirmativa.

Dr. Beer

Presidente: Bom, se isso é verdade, porque nós estamos aqui pronunciando.

Dr. Beer:

Presidente: Antes de pedir que o governador encerre esse nosso encontro, eu queria dizer que é com muita satisfação que se vê essa capacidade que tem o Brasil, hoje, de espraíar o desenvolvimento.

Quando eu assumi o governo, a produção automobilística se concentrava em dois Estados: São Paulo e Minas Gerais. Hoje, nós temos São Paulo, aumentando, Minas Gerais, aumentando, Rio de Janeiro, que se incorporou ao sistema produtivo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e, dentro de breve, eu quero ter também no Nordeste algum tipo de investimento.

Quer dizer, é uma multiplicação em dois anos. Não é virtude do presidente, isso, não. É do País. Porque ninguém fez isso sozinho. Isso está sendo feito por pessoas que querem esse enorme impulso de transformação no Brasil. Isso é o que gerará — e já está gerando — uma distribuição da renda e do progresso, de um modo geral. Quer dizer, temos, hoje, já, praticamente, sete Estados, ao invés de dois.

Pólos petroquímicos: nestes dois anos, nós duplicamos o número de pólos petroquímicos no Brasil. Nós levamos 40 anos para fazer três. Em dois anos, fizemos mais três. Nós estamos fazendo um no Rio Grande do Sul, outro em São Paulo e outro no Rio de Janeiro. Antes, nós tínhamos só na Bahia, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Nós aumentamos mais um no Rio Grande do Sul, acrescentamos um em São Paulo e abrimos um no Rio de Janeiro. São dados muito concretos das transformações que estão ocorrendo no Brasil.

De modo que Santa Catarina tem que se integrar, crescentemente, nesse fluxo de transformação. O senhor governador tem a palavra.

Governador de Santa Catarina:

Presidente: Antes de encerrar, eu faço uma correção: esqueci de Goiás, que vai ter também uma parte da indústria automobilística. São oito Estados. Muito obrigado a vocês todos.

Aqui você encontra o seu Estádio 24 horas por dia.

ALPHAVILLE Gran Ville Jornais e Revistas Al. Purus, 436 c/ Al. Madeira Tel.: 725-5767	Banca Hei de Vencer Av. Paulista, 2518 c/ R. da Consolação Tel.: 852-9720	Banca Antônio André de Lima R. Manoel da Nóbrega, 355 c/ R. Cel. Oscar Porto Tel.: 288-1331	Banca Vilaboim Pça. Vilaboim, 77 c/ R. Armando Penteado Tel.: 67-2107	Banca Arouche Lgo. do Arouche, 17 c/ R. Vieira de Carvalho	TATUAPÉ Banca Sívio Romero Banca Sívio Romero, 18 c/ R. Pe. Adelino Tel.: 941-6908
AEROPORTO Livraria Laselva Av. Washington Luís, 6742 (Aeroporto de Congonhas) Tel.: 241-1918	Banca Merlo Av. Paulista, 2206 c/ R. Augusta Tel.: 289-7776	Banca Estados Unidos R. Estados Unidos, 624 c/ R. Pamplona Tel.: 887-3613	PINHEIROS Banca Iगतemi Av. Brig. Faria Lima, 1191 c/ R. Angelina Maffei Vita Tel.: 211-5309	Banca Pomponne Av. São João, 1518 c/ R. Ana Cintra Tel.: 222-4393	Banca Bom Parto Pça. Nossa Sra. do Bom Parto, 61 c/ R. Euclides Pacheco - Tel.: 942-0221
ALTO DE PINHEIROS Banca Senzala Pça. Panamericana, 21 c/ R. Antônio Baturina Tel.: 211-6440	Banca Princesinha R. Dona Antônia de Queiroz, 110 c/ R. Augusta	JD. EUROPA Banca Europa Av. Europa, 21 c/ R. Groenlândia Tel.: 263-8591	Banca Mônica R. Fradique Coutinho, 397 c/ R. Teodoro Sampaio Tel.: 280-4009	Banca Estádio Viaduto Nove de Julho, 185 c/ R. Major Queudinho Tel.: 231-3458	VILA BUARQUE Banca Amaral Gurgel R. Amaral Gurgel, 397 c/ R. Nestor Pestana Tel.: 221-9504
CAMPOS ELISEOS Banca Magalhães Av. Rio Branco, 280 c/ R. Timbiras	GUARULHOS Livraria Laselva R. Jamil João Zarif, 7499 (Aeroporto de Cubicá) Tel.: 945-2013	MOEMA Banca Nossa Sra. Aparecida Pça. Nossa Sra. Aparecida, 2 c/ Av. Ibirapuera Tel.: 5561-6737	REPÚBLICA Banca República Pça. da República, 32 c/ R. Basílio da Gama Tel.: 256-5116	Banca do Gatocho Av. Ipiranga, 878 c/ Av. São João Tel.: 223-0131	VILA MARIANA R. Domingos de Moraes, 1729 c/ R. Afonso Celso Tel.: 574-7909
CAMBUCI Banca L. Carmo Av. Lins de Vasconcelos, 1578 c/ R. Basílio da Cunha Tel.: 274-4743	Banca Central Pça. Cons. Crispiniano c/ R. D. Pedro II Tel.: 964-3932	MORUMBI Banca Cidade Jardim Pça. Dep. Dário de Barros, 15 c/ Av. dos Tajarás Tel.: 212-7121	Banca Bar Avenida Av. Pedroso de Moraes, 1036 c/ Av. Prof. Antônio A. Malheiros Tel.: 814-7383	Banca Carlos Viaduto Jacareí, 159 c/ R. Japura Tel.: 605-8652	Banca Ana Rosa R. Cons. Rodrigues Alves, 24 c/ R. Domingos de Moraes - Tel.: 571-4304
CONSOLAÇÃO Banca Coruja Aberta R. da Consolação, 397 c/ R. Nestor Pestana Tel.: 258-3738	JD. PAULISTA Banca Ranieri Av. Paulista, 2093 c/ R. Augusta Tel.: 287-9731	PACAEMBU Banca Pacaembu Pça. Charles Miller, 1 c/ R. Itápolis Tel.: 825-4996	Banca Copan Banca Pacaembu Av. Ipiranga, 200 c/ R. Araújo Tel.: 256-7322	Banca Magnata Av. Angélica, 1868 c/ R. Pará Tel.: 258-1980	Banca Metrô Paraíso Pça. Afrodísio Vidigal, 22 c/ R. Correia Dias Tel.: 549-5221

